



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## PÔSTER

### **NOVA PALMEIRA: MEU PASSADO, MEU PRESENTE. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Janielly Souza dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

janiellysouza@yahoo.com.br

No cotidiano dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) das escolas da rede pública da Paraíba, sejam elas municipais ou estaduais, o ensino de História Local é proposto, principalmente se levarmos em consideração a História da Paraíba, isso porque as escolas, a partir do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) adotam (no 4º e 5º ano) livros didáticos específicos para estudo e reflexão da História da Paraíba.

Já quando o aluno adentra os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio, livros didáticos específicos para o estudo de História Local não existem, nem tampouco os livros didáticos de história incentivam tal prática, cabendo a cada escola e/ou professor se voltar para o trabalho com História Local, ou não.

Ao levarmos em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental (1997), este advertira que “A PREOCUPAÇÃO COM OS ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL É A DE QUE OS ALUNOS AMPLIEM A CAPACIDADE DE OBSERVAR O SEU ENTORNO PARA COMPREENSÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS EXISTENTES NO SEU PRÓPRIO TEMPO E RECONHEÇAM A PRESENÇA DE OUTROS TEMPOS NO SEU DIA-A-DIA.”

JÁ QUANDO OBSERVAMOS A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC (2018), ESTA NÃO DEIXAR CLARO A





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

NECESSIDADE/PREOCUPAÇÃO DE PROPOR ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL, O QUE DEIXA SUBENTENDIDO QUE NAS ESPECIFICIDADES DO CURRÍCULO DE CADA ESCOLA, MUNICÍPIO E/OU ESTADO PODE SE INCLUIR OU NÃO O ESTUDO DE HISTÓRIA LOCAL JUNTO À RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.

Na medida em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) demonstra preocupação com o ensino de História Local, e que a BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC NÃO O FAZ, PODEMOS PENSAR QUE o ensino de História Local pode está sendo relegado a segundo plano, pois a preocupação em vencer os conteúdos do livro didático, muitas vezes, se coloca como essencial nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Neste caminho, diante das sensibilidades da prática cotidiana no Ensino de História e da necessidade de refletir a História Local, fora desenvolvido junto ao 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Iran Coelho Dantas, localizada no município de Nova Palmeira – PB, o projeto “Nova Palmeira: Meu passado, meu presente”. Tendo como objetivo pensar a relevância do ensino de História Local para a relação ensino-aprendizagem em História, assim como para a comunidade escolar, este projeto foi esculpido.

Nossa metodologia de ensino constituiu-se na produção de documentários, seguida de exposição e debates. Na construção dos documentários os alunos recorreram ao usos de diversas fontes históricas: fotografias, objetos da cultura material, história oral, etc. Nisso, convém pensar que o uso da História oral se faz necessário nestas reflexões, pois “permite o registro de testemunhas e acesso a ‘histórias dentro da história’” (ALBERTI, 2015).

O uso das tecnologias digitais fora ainda essencial na efetivação do projeto. Em tempos de um corpo discente nativo digital, usar as tecnologias digitais se configura em produção de uma relação ensino-aprendizagem fruto da realidade vivencial dos alunos, que são sujeitos protagonistas na construção de conhecimentos, na edificação da educação, seja ela escolar, ou para além deste espaço.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Quando questionados sobre o que lhes chamara a atenção na pesquisa realizada sobre a história de Nova Palmeira, os alunos expuseram:

Aluno 1: O que mais me chamou atenção na pesquisa foi saber que naquele tempo eles viviam sem celular e internet, e eles viviam muito feliz.

Aluno 2: Que tipo tinha coisas que eu não sabia que existia antigamente exemplo é o cinema de Adonias.

Aluno 3: Fiquei muito surpreso, pois não sabia que a história de Nova Palmeira era assim.

Aluno 4: Que nossa Nova Palmeira é cheia de culturas, o carnaval de antigamente era muito divertido dá para ver pelas fotos que as pessoas nos mostrava.

Aluno 5: As pessoas que participam da história de Nova Palmeira.

Aluno 6: A história de Nova Palmeira foi o que nos chamou mais atenção, pois falar sobre Nova Palmeira é como se nós tivéssemos no passado.

Aluno 7: Sobre que Nova Palmeira teve cinema.

Aluno 8: As águias viviam na serra.

Aluno 9: O que me chamou mais atenção é que Nova Palmeira antes de ser elevada a categoria de município foi pertencente aos municípios de Pedra Lavrada e de Picuí.

As histórias pesquisadas, as sensibilidades partilhadas, aguçaram nos alunos o sentimento de pertencimento ao espaço de vivência, a valorização da sua cultura, da sua história. Nas palavras de MACEDO (2017, p.61):

[...] conhecer a História Local é um dos pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos em nível regional, nacional e global, além do que [...] contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas para com os lugares onde nasceram/habitam.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A história do cinema de Adonias chamou a atenção de muitos alunos, tanto dos que pesquisaram sobre o tema quanto daqueles que assistiram o documentário. Alguns alunos se surpreenderam com as atividades culturais existentes em Nova Palmeira no seu passado. Outros alunos ainda, fazendo a relação do passado com o presente, se assustaram com fato de no passado as pessoas serem felizes mesmo sem o uso do celular e da internet.

Essa afirmativa do Aluno 1 pode até parecer estranha aos olhos das pessoas que fazem parte do grupo dos imigrantes digitais, mas não o é para o grupo dos nativos digitais, que já nasceram na era digital. Sobre a definição dos nativos digitais e dos imigrantes digitais PRESNKY (2001) nos propõe:

Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? [...] a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet.

Então o que faz o resto de nós? Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes Digitais.

O nativo digital é o sujeito que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em seu cotidiano, por isso foi possível essa relação de estranhamento com um passado onde as tecnologias digitais não se faziam presentes. A partir da elucidações do Aluno 1 é interessante perceber que a história se constrói na relação passado/presente, e no momento que os alunos puderam refletir a história local a partir dessa premissa, acabaram por se tornar problematizadores do espaço vivencial, da sua história.

No que concerne ainda aos nativos digitais e a relação ensino-aprendizagem Palfrey e Gasser (2011) nos faz refletir que,

Para as escolas se adaptarem aos hábitos dos Nativos Digitais e à maneira como eles estão processando informações, os educadores precisam aceitar que a





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

maneira de aprender está mudando rapidamente. Antes de responder as perguntas sobre com que precisão usar a tecnologia nas escolas, é importante entender as mudanças. Para isso, é necessário expandir a estrutura para toda a aprendizagem, não apenas para o tipo que acontece na sala de aula (p.268-269)

No cotidiano escolar há a necessidade eminente de fazer uso de tecnologias digitais para que a relação ensino-aprendizagem se torne significativa, faça parte dos anseios e do dia a dia do alunado, partindo da perspectiva de que eles são nativos digitais. Observando os devidos cuidados, inclusive para não endeusar as tecnologias digitais, e as particularidades do público alvo, em especial o acesso a estas tecnologias, elas podem reder belíssimos frutos.

Desde meados do século XIX, seguindo os ideais positivistas, o ensino de história foi trabalhado na escola a partir de um espaço e de um tempo longínquo, distante da realidade dos alunos. Apesar desta perspectiva ainda ser presente em determinadas aulas de história, a cada dia a procura por transformar essa realidade é grande. Neste contexto, CAIMI (2010, p.60) aponta para a necessidade de:

[...] superar o verbalismo das aulas de história circunscritas apenas a temporalidades remotas, a espaços distantes e a determinadas memórias com as quais a maioria dos estudantes que frequenta a escola brasileira não se identifica e nas quais não reconhece as suas experiências, tampouco as de seu grupo de pertença.

Fora nesta perspectiva que buscamos construir o projeto “Nova Palmeira: Meu passado, meu presente”. Nisso quando perguntamos aos alunos se eles consideravam importante trabalhar a História Local, em especial da sua cidade, do seu município, obtivemos como respostas as seguintes assertivas:

Aluno 1: Sim, pois a história da minha cidade é muito legal de se trabalhar.

Aluno 2: Sim, para saber mais do lugar onde moro, e ter experiência quando me perguntarem sobre a história da minha cidade.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Aluno 3: Sim, pois precisamos saber da história que faz parte da nossa história.

Aluno 4: Sim, pois trabalhamos com histórias que talvez não sabíamos nem que tinha acontecido.

Aluno 5: Sim, porque nós devemos saber a história do nosso município.

Aluno 6: Sim, porque muitas vezes a pessoa mora num canto mas não sabe nada sobre ele, daí com esse trabalho nós conhecemos mais.

Aluno 7: Sim, porque conversamos com as pessoas e descobrimos coisas incríveis.

Aluno 8: Sim, porque aprendi a preservar as áreas de animais em extinção e a preservar a história.

A premissa do conceito de identidade em construção nos possibilita perceber que na produção das pesquisas, dos documentários, dos debates, os sujeitos envolvidos acabaram por atuar na produção de identidades, tanto identidades individuais, quanto identidades coletivas. Neste âmbito convém refletir o conceito de identidade proposto por SILVA (2014, p.96-97):

Primeiramente, a identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato – seja de natureza, seja de cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistema de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Ao exporem (Figuras 1 e 2), e debaterem os documentares para os seus pares e para as pessoas da comunidade, os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Municipal de Ensino Fundamental Iran Coelho Dantas atuaram na produção de identidades.

Figuras 1 e 2: Exposição dos documentários produzidos durante a realização da Mostra Pedagógica ICD 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Quando questionados se eles (os alunos) acreditavam que o trabalho realizado contribuiu com a relação ensino-aprendizagem em história, a maioria alegou que sim, outros foram além, e proferiram os motivos que os fizeram se posicionar diante deste questionamento de maneira afirmativa:

Aluno 1: Sim, pois a pessoa sabendo sobre sua cultura poderá assimilar com os povos estudados na disciplina.

Aluno 2: Sim, pois nos incentiva a pesquisar e buscar a história do nosso município, conhecendo pessoas importantes, lugares marcantes, as raízes de Nova Palmeira.

Aluno 3: Sim, porque eu não sabia tanta coisa de Nova Palmeira não.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Aluno 4: Sim, pois aprendemos com o trabalho como fazer pesquisas.

Aluno 5: Sim, pois as pesquisas feitas ajudaram a saber um pouco do nosso passado.

Os frutos colhidos com a realização deste projeto alimentam a crença na possibilidade de construção uma educação significativa para os sujeitos envolvidos no processo educacional, um ensino de História pautado pelas sensibilidades daqueles que incorporam o passado pelas lentes do presente.

Pensar o trabalho com projetos no ensino de história é ainda possibilitar o trabalho com a interdisciplinaridade, partindo do princípio que integra e articula disciplinas, fazendo com que estas se coloquem na horizontal e diante da prática da reciprocidade. Durante a realização do projeto “Nova Palmeira: Meu passado, meu presente” foram estabelecidas parcerias com docentes e conhecimentos de outras disciplinas de maneira a enriquecer nosso trabalho. Neste contexto, convém pensar com ALMEIDA (2002, p.58) “[...] que o projeto rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas do conhecimento. Mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade.”

Nisso, compartilhamos com FREIRE (2002, p.127-128) quando nos chama a atenção para o fato de que:

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Falar com o aluno de igual para igual, percebendo suas necessidades, reconhecendo sua capacidade, observando seus limites, admirando seu talento, estabelecendo afetividades faz com que ele se sinta participante do processo ensino-aprendizagem, e





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

consequentemente, corresponda, ou supere as expectativas do educador. Somente quem escuta com sabedoria, produz a capacidade de ser ouvido e as palavras pronunciadas serem acolhidas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p.155-202.

ALMEIDA, M.E.B. de. Como se trabalha com projetos (Entrevista). **Revista TV ESCOLA**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, nº 22, março/abril, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. 2018. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf) Acesso em janeiro de 2019.

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. De como se constrói uma História Local: Aspectos da produção e da utilização no Ensino de História. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (orgs.) **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFRN, 2017. p.57-81.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Grupo A, 2011.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

PRESNKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. 2001. Consultado em 28 de agosto de 2019. Disponível em [http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2\\_intencoes/nativos.pdf](http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf)

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

